

A LITERATURA INFANTIL E O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM NA CRIANÇA

Bolsistas: Alessandra Iachetti Braga de Almeida, Andrea Kannebley Oliveira, Aline Magalhães Tavares Leite, Clarissa Coelho Liberali, Deivid Marques, Elaine Rodrigues Dauzduk, Maria Izabel Lagoa, Maria Laura de Oliveira Bertazzi Coube e Mônica Vieira Cavalcante ¹

Tutora: Profa. Dra. Maria Angela Barbatto Carneiro²

O presente artigo procura relatar os seis meses de trabalho realizados pelos alunos do Programa de Educação Tutorial do Curso de Pedagogia, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, durante o segundo semestre de 2013.

A literatura infantil é um assunto bastante sério e muito discutido nos dias de hoje por duas razões, primeiro por favorecer o desenvolvimento da linguagem, especialmente, na sua forma simbólica permitindo o aparecimento da imaginação e da criatividade. Segundo, porque auxilia a oralidade e a escrita infantil no processo de alfabetização ampliando o universo de conhecimento das crianças.

A escolha desta temática partiu da demanda do grupo, uma vez que dentro do curso de formação docente o assunto fora tratado superficialmente, não satisfazendo nem a perspectiva teórica e nem a prática.

A questão torna-se ainda mais séria, de acordo com Gomes (2005) uma vez que as abordagens se voltam para o ensino fundamental, não estabelecendo nenhuma interface com a educação infantil.

Além disso, com as novas legislações sobre a educação básica que anteciparam a escolaridade, inicialmente para os seis (6) anos e, atualmente, para os quatro (4) tem preocupado os educadores o processo de alfabetização precoce, que pode queimar etapas do desenvolvimento da criança, prejudicando a aprendizagem e, comprometendo, por vezes, a escolarização posterior, situação essa irreversível.

¹ Alessandra Iachetti Braga de Almeida, Andrea Kannebley Oliveira, Aline Magalhães Tavares Leite, Clarissa Coelho Liberali, Maria Izabel Lagoa, Maria Laura de Oliveira Bertazzi Coube e Mônica Vieira Cavalcanti, alunos do Curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo que participaram do Programa de Educação Tutorial no segundo semestre de 2013.

² Maria Angela Barbatto Carneiro é Professora Titular do Departamento de Fundamentos de Educação, da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Tutora do Programa de Educação Tutorial.

O período mais importante da aprendizagem ocorre, no entanto, desde o nascimento (ou até mesmo antes) até dezoito meses, quando a criança aprende através da exploração e a partir da orientação não estruturada que lhe proporcionam os pais e outras pessoas que dela cuidam. Durante o período seguinte, dos dezoito meses, até os três anos de idade, a criança continua a receber este tipo de orientação e entre dois e cinco anos de idade, começa a receber orientação estruturada e ao mesmo tempo não estruturada, em casa ou num meio pré-escolar. Aquilo que uma criança aprende durante estes primeiros cinco anos de vida, forma os alicerces para todo o subsequente desenvolvimento educativo, que tradicionalmente começa com a entrada para a pré-primária ou o primeiro ano de escolaridade... (GORDON, 2000,3)

Partindo do princípio de que os anos fundamentais são importantes para o desenvolvimento humano e dada a falta do estudo sobre a utilização da Literatura na educação infantil o grupo de bolsistas do Programa de educação Tutorial do Curso de Pedagogia decidiu por abordar o assunto, iniciando pelo estudo mais profundo da obra *Pensamento e Linguagem* (1987) de Lev S. Vygotsky, cuja teoria poderia iluminar as reflexões e as práticas que adviriam.

De acordo com o autor em sua obra *La arte y la imaginación en la infancia* (1998), em todas as formas de criação literária a arte da palavra é a mais típica na idade escolar e isso se manifesta, inicialmente, através do desenho. A criança gosta de realizar tal atividade sem que os adultos tenham que incentivá-la, porém isso nem sempre ocorre porque parte dos docentes acredita que para a criança escrever precisa passar por algumas etapas sem interferências dos adultos, ação essa que na opinião deles poderia interrompê-las.

A linguagem escrita além de ser aprendida mais tardiamente é mais difícil para a criança porque têm suas próprias leis, normas essas que ela não domina. Assim, para que a escrita se desenvolva é necessário passar por várias etapas, oferecer inúmeras experiências, despertar nos pequenos aquilo que ignoravam por completo, a criação artística. Tal fato que pode ser observado, contrariamente ao que muitos pensam somente na área do desenho, mas estende-se para a arte, a música, a dança, o teatro, o jogo simbólico e, também para a literatura.

A criança, no processo de escolarização vai ficando destituída de sua autonomia na medida em que há uma priorização dos conteúdos curriculares e que, também, não é exposta a situações de leitura.

No entanto, um dos objetivos do processo de escolarização, sobretudo na etapa inicial do ensino fundamental é que se inicie a alfabetização, para que haja a apropriação do mundo que nos cerca, não apenas através da leitura como do entendimento do contexto. Mas para isso é necessário que a criança tenha a condição de se apropriar dos instrumentos da linguagem para ampliar o seu conhecimento através da escrita.

A linguagem é, pois, um fenômeno social e histórico aprendido no contexto real de vida, que permite não só as interações humanas, como também ter acesso à produção cultural do grupo no qual estamos inseridos.

Nessa perspectiva a literatura é uma forma de os indivíduos comunicarem a sua experiência de forma subjetiva, tanto através da atividade de contar histórias como por meio de suas narrativas.

Segundo Patrini (2005) narrar consiste em colher fatos da sua própria experiência, transformando-os em matérias a serem apresentadas para ouvintes envolvendo o homem e a vida. Já contar é uma prática antiga existente em todas as partes do mundo, que se transmite de indivíduo para indivíduo, de povo para povo.

O ato de contar histórias para as crianças é uma porta aberta para que ela entre no mundo fazendo que se aproprie dos conhecimentos, através dos fatos, das emoções, da imaginação, da liberdade e da fantasia.

Sabemos que o primeiro contato da criança com o texto é feito, quase sempre, através da voz da mãe, do pai, dos avós, dos professores e dos cuidadores que para ela apresentam contos de fada, trechos da Bíblia, histórias inventadas e livros atuais, entre outras obras. É ouvindo histórias que os pequenos sentem emoções, descobrem outros lugares e outras épocas iniciam a sua caminhada para o mundo da leitura.

Contar histórias é um momento extremamente rico porque permite a realização de brincadeiras, suscita o imaginário, responde a curiosidade infantil, entra-se em contato com outras ideias, descobre-se o mundo.

A arte de contar histórias não é algo recente, mas temos notícias da sua existência já na Antiga Grécia, através das obras de Homero que mostravam, na forma de versos, os feitos dos heróis à população.

Também os celtas apresentaram uma rica tradição na oralidade. Relatavam mitos heroicos e contos populares, onde houvesse ouvintes. Eram hábeis na descrição de mundos imaginários, animais fantásticos e de super-heróis.

Para Busatto, os povos orientais consideravam o conto oral mais do que um estilo literário a serviço do divertimento. “Sabiam que neles estão contidos o conhecimento e as ideias de um povo e que através deles era possível indicar condutas, resgatar valores e até curar doenças” (2003, p. 17).

A arte de contar histórias, portanto, é um costume milenar que permite o livre curso do contador, que foi determinada pelo tempo, como atividade da cultura dominante e, também, como uma mistura de conformismo e resistência. Ela foi responsável pela ritualização dos hábitos e costumes de inúmeras comunidades, mantendo o equilíbrio grupal e evitando sua desagregação.

O conto se distingue dos outros gêneros, porque rompe com a previsibilidade do tempo, despreza detalhes inúteis, pois é direto, conciso e limita-se ao essencial, dando ao contador e ao ouvinte a liberdade de imaginar o que causa prazer e satisfação. Por essa razão, contar ou narrar uma história é melhor do que lê-la porque permite uma maior flexibilidade, uma vez que ao narrar uma história cada pessoa o faz de acordo com os seus referenciais.

“O Contador de Histórias é aquele que *cultiva a atenção e a delicadeza*, que percebe seu corpo no espaço e o corpo do outro suspendendo o *automatismo da ação*. Mantém sempre abertos os olhos e os ouvidos. O Contador de Histórias é aquele que fala sobre o que lhe acontece” (TIERNO: 2010 p. 22).

A oralidade passou a ser vista como uma categoria literária, não só por colocar o ouvinte em contato com o texto uma vez que ela precede a leitura, mas porque abre à criança o caminho para conhecer o mundo.

Portanto na atividade de contar histórias antes de tocar o ouvinte, o conto precisa sensibilizar o contador, porque cada um imprime na narrativa sua história pessoal e a experiência vivida que deve ser compartilhada. Portanto a narração da história para crianças tem que ser um acontecimento interpessoal, adaptado por aqueles que dele participam.

Contar história é uma arte que permite um equilíbrio entre o que é ouvido e da maneira como é sentido. A seleção depende do narrador, mas a atividade envolve ritmos, fluência, palavras novas.

Há uma diferença entre os contos de história e os contos de fada. Enquanto os primeiros podem ser mais culturais ou pessoais e permitem certa flexibilidade, os contos de fadas são conteúdos de sabedoria popular essencial para a perpetuação do gênero humano. Eles possuem uma magia que está na forma de agir das personagens. Para Bettelheim (2012), os contos de fadas oferecem sutilmente sugestões à criança de como lidar com as experiências interiores, mostrando que muitas vezes tem que aceitar desafios difíceis como também tem a possibilidade de encontrar aventuras desafiadoras e maravilhosas.

Há várias técnicas para se contar uma história, pode iniciar-se por circunstâncias atuais vividas ou por um saber longínquo, contido nos costumes populares, mas são a curiosidade e o encantamento que provocam a sequência do conto.

Alguns recursos internos que são fundamentais para o contador de histórias, como, por exemplo, a respiração da história, isto é, a observação de pessoas, fatos, objetos, locais, fenômenos da natureza. Tal percepção deve ser acompanhada pela imaginação pela fantasia de cada um. Adiciona-se a esses fatores, além dos gestos do olhar e da voz, também, a curiosidade, o senso de humor, a capacidade de brincar, de aventurar-se, de criar, de sonhar...

Contar uma história é um encontro maravilhoso, no entanto, os contadores de história tradicionais nunca fizeram cursos, aprenderam intuitivamente a arte praticada, exercitando habilidades que possuíam.

Um dos grandes requisitos para contar uma história consiste no processo de preparação. É preciso conhecer bem o que se vai contar compreender adequadamente, pois, além dos recursos internos, há outros que poderão enriquecê-la e torná-la ainda mais atraente.

A pesquisa do repertório é fundamental e isso envolve visitas às livrarias, bibliotecas, sebos, entre outros locais. Faz parte dessa investigação o registro de diferentes começos e finais das histórias, embora se possa utilizar o tradicional “*Era uma ve*”³ pois cada um tem seu jeito próprio de pronunciar-la usando ritmos diferentes. Nesse sentido é fundamental que se respeite o tempo para o imaginário da criança, pois descrições muito longas acabam causando desinteresse.

O começo das histórias descortina o ouvinte para um mundo fantástico que ele desconhece e que desperta curiosidade, já o final o traz de volta para o mundo real.

Além da pesquisa do repertório é importante que o contador investigue, também, a estrutura, o clima e os personagens existentes na história e busque outros recursos que possam enriquecer a história a ser contada.

Na perspectiva dos recursos externos poderão ser utilizados objetos, pedaços de tecido, música, iluminação, trajes e adereços. Eles não precisam ser óbvios, descritivos e explícitos, mas podem surpreender por serem diferentes criativos e inusitados.

Um chapéu, um objeto, um instrumento musical, um som, são capazes de nos levar para mundos distantes, mas para isso a escolha do contador é fundamental.

Por fim é importante perceber que contar história põe as crianças em contato com os textos, com os autores, com inúmeras concepções e possibilidades.

Segundo Machado, no entanto:

“A inserção da literatura infantil não apenas se faz nos quadros da escrita, como é desta relação que ela retira suas normas e valor. Isso significa sua permeabilidade à história literária e a necessidade do compromisso com o escritor com uma iniciativa para o novo e o transformador. Todavia as obras para crianças absorvem recursos de outros meios de comunicação, sobretudo de ordem óptica, como a exploração visual, próprio às artes pictóricas e aos veículos de cultura de massa” (2003: p.192/193).

Nessa perspectiva a autora mostra a grande preocupação de os livros para a criança veicularem uma cultura de massa que está relacionada e comprometida com o sistema de cultura e divulgação da indústria cultural, impedindo que a criança reflita, questione, descubra, se aproprie do texto, enfim seja ela mesma, criança.

³ Grifos nossos.

O grande prejuízo da literatura infantil pode decorrer do fato de que ela é, muitas vezes, utilizada na escola para incentivar comportamentos *adequadamente desejáveis*.⁴ Na maior parte das vezes a escola utiliza-se da literatura para transmitir preconceitos, domesticar os pequenos.

É fundamental que os profissionais que atuam na área, sobretudo que lidam com a infância tenham clareza do valor do ato de contar histórias e da sua relevância enquanto atividade introdutória no mundo da literatura e do saber.

Deve-se considerar que não é preciso ser leitor para ouvir histórias, mas elas não devem domesticar os pequenos, mas antes servir de elemento para o conhecimento da tradição, do prazer, da criação, da descoberta e da recriação. Portanto, a escola deverá utilizá-la para ampliar e enriquecer o universo infantil, para refletir sobre a realidade e, também, para desenvolver a escrita, em um mundo onde os signos não são os mais importantes, mas os significados das palavras, para que as crianças, para além de reprodutoras da cultura do seu tempo, possam se constituir em criadoras e transformadoras da cultura.

A partir de tais reflexões foi possível desenvolver a oficina “**Contos Tradicionais e Literatura Infantil: Um passaporte para o Imaginário**” para que os estudantes de Pedagogia da PUCSP e outros interessados pudessem instigar reflexões, traçar perspectivas e relacionar a gama de referências estudadas com a Literatura Infantil e as suas infinitas possibilidades. Para a apresentação, foram pensados cinco grandes eixos temáticos, *A Importância da Imaginação*, *As Diferenças entre “Ler e Contar”*, *O que contar e a importância de uma seleção consciente da história*, *A Desconstrução dos Contos de Fadas e um fechamento poético intitulado “Ler ou Contar, o importante é Deixar o Tempo Parar”* onde os participantes da oficina foram convidados a dar asas à imaginação e pensarem em suas próprias histórias e em maneiras próprias de contá-las.

Referências bibliográficas

BETTELHEIM, B.. A psicanálise dos contos de fada. 27^a. reim. São Paulo: Paz e Terra. 2012.

BUSATTO, C.. Contar e encantar: *pequenos segredos das narrativas*. São Paulo: Scipione, 1986.

GOMES, H. S.. Narrativas infantis. Dissertação (Mestrado) FEUSP, 2005.

GORDON, E.E.. Teoria de aprendizagem musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

ZILBERMAN, R.. A literatura infantil na escola. 11^a. ed. São Paulo: Global, 2003.

⁴ Palavras da estudiosa.

PATRINI, M. L.. *A renovação do conto: emergência de uma prática oral*. São Paulo: Cortez, 2005.

TIERNO, G.. Pegadas reflexivas acerca da arte de contar histórias: *A teia do invisível*. In Tierno, G.. (org.) *A arte de contar histórias: abordagens poética, literária e performática*. 1ª. ed. São Paulo: Ícone, 2010.p. 13-27.

VIGOTSKII, L.S..*La arte y la imaginación en la infancia*. Madrid: Akal, 1998.

VYGOTSKY, L.S.. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.